

MIA COUTO

TERRA SONÂMBULA

13ª reimpressão



ÍNDICE

Primeiro capítulo

A estrada morta 9

Primeiro caderno de Kindzu

O tempo em que o mundo tinha a nossa idade 14

Segundo capítulo

As letras do sonho 33

Segundo caderno de Kindzu

Uma cova no teto do mundo 39

Terceiro capítulo

O amargo gosto da maquela 47

Terceiro caderno de Kindzu

Matimati, a terra da água 53

Quarto capítulo

A lição de Siqueleto 61

Quarto caderno de Kindzu

A filha do céu 68

Quinto capítulo

O fazedor de rios 82

Quinto caderno de Kindzu

Juras, promessas, enganos 89

Sexto capítulo

As idosas profanadoras 97

Sexto caderno de Kindzu

O regresso a Matimati 100

<i>Sétimo capítulo</i>	
Mãos sonhando mulheres	119
<i>Sétimo caderno de Kindzu</i>	
Um guia embriagado	123
<i>Oitavo capítulo</i>	
O suspiro dos comboios	133
<i>Oitavo caderno de Kindzu</i>	
Lembranças de Quintino	136
<i>Nono capítulo</i>	
Miragens da solidão	149
<i>Nono caderno de Kindzu</i>	
Apresentação de Virgínia	153
<i>Décimo capítulo</i>	
A doença do pântano	170
<i>Décimo caderno de Kindzu</i>	
No campo da morte	175
<i>Décimo primeiro capítulo</i>	
Ondas escrevendo estórias	188
<i>Último caderno de Kindzu</i>	
As páginas da terra	190
Glossário	198

Primeiro capítulo

A ESTRADA MORTA

NAQUELE LUGAR, a guerra tinha morto a estrada. Pelos caminhos só as hienas se arrastavam, focinhando entre cinzas e poeiras. A paisagem se mestiçara de tristezas nunca vistas, em cores que se pegavam à boca. Eram cores sujas, tão sujas que tinham perdido toda a leveza, esquecidas da ousadia de levantar asas pelo azul. Aqui, o céu se tornara impossível. E os vivos se acostumaram ao chão, em resignada aprendizagem da morte.

A estrada que agora se abre a nossos olhos não se entrecruza com outra nenhuma. Está mais deitada que os séculos, suportando sozinha toda a distância. Pelas bermas apodrecem carros incendiados, restos de pilhagens. Na savana em volta, apenas os embondeiros contemplam o mundo a desflorir.

Um velho e um miúdo vão seguindo pela estrada. Andam bambolentos como se caminhar fosse seu único serviço desde que nasceram. Vão para lá de nenhuma parte, dando o vindo por não ido, à espera do adiante. Fogem da guerra, dessa guerra que contaminara toda a sua terra. Vão na ilusão de, mais além, haver um refúgio tranquilo. Avançam descalços, suas vestes têm a mesma cor do caminho. O velho se chama Tuahir. É magro, parece ter perdido toda a substância. O jovem se chama Muidinga. Caminha à frente desde que saíra do campo de refugiados. Se nota nele um leve coxear, uma perna demorando mais que o passo. Vestígio da doença que, ainda há pouco, o arrastara quase até à morte. Quem o recolhera fora o velho Tuahir, quando todos outros o haviam abandonado. O menino estava já sem estado, os ranhos lhe saíam não do nariz mas de toda a cabeça. O velho teve que lhe ensinar todos os inícios: andar, falar, pensar. Muidinga se meninou outra vez. Esta segunda infância, porém, fora apressada pelos ditados da sobrevivência. Quando iniciaram a viagem já ele se acostumava de cantar, dando vaga

a distraídas brincadeiras. No convívio com a solidão, porém, o canto acabou por migrar de si. Os dois caminheiros condiziam com a estrada, murchos e desesperançados.

Muidinga e Tuahir param agora frente a um autocarro queimado. Discutem, discordando-se. O jovem lança o saco no chão, acordando poeira. O velho ralha:

— *Estou-lhe a dizer, miúdo: vamos instalar casa aqui mesmo.*

— *Mas aqui? Num machimbombo todo incendiado?*

— *Você não sabe nada, miúdo. O que já está queimado não volta a arder.*

Muidinga não ganha convencimento. Olha a planície, tudo parece desmaiado. Naquele território, tão despido de brilho, ter razão é algo que já não dá vontade. Por isso ele não insiste. Roda à volta do machimbombo. O veículo se despistara, ficara meio atravessado na rodovia. A dianteira estava amassada de encontro a um imenso embondeiro. Muidinga se encosta ao tronco da árvore e pergunta:

— *Mas na estrada não é mais perigoso, Tuahir? Não é melhor esconder no mato?*

— *Nada. Aqui podemos ver os passantes. Está-me compreender?*

— *Você sempre sabe, Tuahir.*

— *Não vale a pena queixar. Culpa é sua: não é você que quer procurar seus pais?*

— *Quero. Mas na estrada quem passa são os bandos.*

— *Os bandos se vierem, nós fingimos que estamos mortos. Faz conta falecemos junto com o machimbombo.*

Entram no autocarro. O corredor e os bancos estão ainda cobertos de corpos carbonizados. Muidinga se recusa a entrar. O velho avança pelo corredor, vai espreitando os cantos da viatura.

— *Estes arderam bem. Veja como todos ficaram pequenitos. Parece o fogo gosta de nos ver crianças.*

Tuahir se instala no banco traseiro, onde o fogo não chegara. O miúdo continua receoso, hesitando entrar. O velho encoraja:

— *Venha, são mortos limpos pelas chamas.*

Muidinga vai avançando, pisando com mil cautelas. Aquele

recinto está contaminado pela morte. Seriam precisas mil cerimónias para purificar o autocarro.

— *Não faça essa cara, miúdo. Os falecidos se ofendem se lhes mostramos nojo.*

Muidinga arruma o saco num banco. Senta-se e observa o recanto conservado. Há teto, assentos, encostos. O velho, impávido, já se deitou a repousar. De olhos fechados, espreguiça a voz:

— *Sabe bem uma sombrinha assim. Não descanso desde que fu-
gimos do campo. Você não quer sombrear?*

— *Tuahir, vamos tirar esses corpos daqui.*

— *E porquê? Cheiram-lhe mal?*

O miúdo não responde logo. Está virado para a janela quebrada. O velho insiste que descanse. Desde que saíram do campo de deslocados eles não tinham tido pausa. Muidinga permanece de costas viradas. Se escuta apenas o seu respirar, quase resvalando em soluço. Então, ele repete a sussurrante súplica: que se limpe aquele refúgio.

— *Lhe peço, tio Tuahir. É que estou farto de viver entre mortos.*

O velho se apressa a emendar: *não sou seu tio!* E ameaça: *o moço que não abuse familiaridades. Mas aquele tratamento é só a maneira da tradição, argumenta Muidinga.*

— *Em você não gosto.*

— *Não lhe chamo nunca mais.*

— *E me diga: você quer encontrar seus pais porquê?*

— *Já expliquei tantas vezes.*

— *Desconsigo de entender. Vou-lhe contar uma coisa: seus pais não lhe vão querer ver nem vivo.*

— *Porquê?*

— *Em tempos de guerra filhos são um peso que trapalha maningue.*

Saem a enterrar os cadáveres. Não vão longe. Abrem uma única campa para poupar esforço. No caminho do regresso encontram mais um corpo. Jazia junto à berma, virado de costas. Não estava queimado. Tinha sido morto a tiro. A camisa estava empapada em sangue, nem se notava a original cor.